

# ELABORAÇÃO DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO INCLUSIVO PARA COOPERATIVAS SOLIDÁRIAS – IDICS

**Bruno Siqueira Fernandes (Cedeplar-Face/UFMG)**

[brunosiqfer@gmail.com](mailto:brunosiqfer@gmail.com)

**Gabrielle Lima Silva (Cedeplar-Face/UFMG)**

[gabrielle.lmsv@gmail.com](mailto:gabrielle.lmsv@gmail.com)

**Gabriel Henrique Almeida (Cedeplar-Face/UFMG)**

[gabrielhca1@hotmail.com](mailto:gabrielhca1@hotmail.com)

**Lucas Fernandes Barbosa (Trias Brasil)**

[lucasfernandes.barbosa@outlook.com](mailto:lucasfernandes.barbosa@outlook.com)

**Mariana Jária Martins (COOPFAM)**

[marianaj\\_martins@hotmail.com](mailto:marianaj_martins@hotmail.com)

**Sibelle Cornélio Diniz (Cedeplar-Face/UFMG)**

[sibelled@cedeplar.ufmg.br](mailto:sibelled@cedeplar.ufmg.br)

**Thiago Neves Silva (Unicafes MG)**

[thiagoturismo@gmail.com](mailto:thiagoturismo@gmail.com)

## **Resumo**

Este artigo apresenta o processo de elaboração do “Índice de Desenvolvimento Inclusivo para Cooperativas Solidárias” (IDICS), com o objetivo de mensurar a capacidade de inclusão de mulheres e jovens nas 30 cooperativas de agricultura familiar filiadas à União das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária de Minas Gerais – Unicafes MG. O processo de construção do Índice passou por revisão de literatura e realização de grupos focais junto a integrantes das cooperativas e dirigentes da Unicafes MG. Essas etapas permitiram identificar três dimensões da inclusão de mulheres e jovens nas cooperativas em questão: i) participação e organização; ii) autonomia; iii) incentivos pela cooperativa, formação e parcerias. Tais dimensões foram então associadas a variáveis numéricas. Foi proposto, em seguida, um critério de agregação simples das variáveis em dois subíndices: o Índice de Inclusão de Mulheres (IIM) e o Índice de Inclusão de Jovens (IJ). O IDICS corresponde à média simples desses dois indicadores. A coleta de dados foi feita por meio de questionários estruturados, aplicados remotamente às 30 cooperativas. Os resultados sugerem uma forte heterogeneidade entre as cooperativas, e os valores encontrados estão

relacionados ao porte, tempo de funcionamento da cooperativa e região de localização. A maioria das cooperativas carece de avanços em seus processos de inclusão. Nesse caso, o Índice pode servir como uma ferramenta para o planejamento de ações das cooperativas e para a identificação e disseminação de práticas exitosas.

## **ELABORAÇÃO DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO INCLUSIVO PARA COOPERATIVAS SOLIDÁRIAS – IDICS<sup>1</sup>**

### **Introdução**

Diante do contexto contemporâneo de reestruturação produtiva, com transformação das relações de trabalho e forte tendência de precarização, a organização em cooperativas se estabelece como possibilidade de construção de relações de trabalho e de produção mais horizontais e solidárias (Lima, 2004; Namorado, 2007, 2009). Como grande vantagem da organização cooperativa, tem-se o controle da organização pelos trabalhadores, que são responsáveis pela definição das estratégias de ação e pelo saber técnico envolvido nos processos (Singer, 2002; Gaiger, 2013). Nesse sentido, as cooperativas são instituições com potencial de reduzir as desigualdades sociais e promover o bem-estar intergeracional, com inclusão de gênero e sustentabilidade ambiental (Schneider, 2015).

Dentre os diversos temas de interesse na discussão sobre o cooperativismo, aqueles referentes ao gênero e às juventudes têm ganhado importância nas últimas décadas. No caso da agricultura familiar e da economia solidária, a autopercepção das mulheres sobre suas posições sociais, a inclusão das mulheres em cargos de liderança, o reconhecimento dos diferentes trabalhos femininos e a melhora na qualidade das relações familiares, entre outros temas, são discutidos na literatura empírica recente (Magalhães, 2009; Simon e Boeira, 2017; Anjos, Silva e Pereira, 2018). Já a discussão sobre a juventude passa pelos conflitos intergeracionais, pelas demandas por apropriação de tecnologias na produção e por formação técnica e universitária, entre outras questões (Mendonça et al, 2013; Kischener, Kiyota e Perondi, 2015; Boessio e Doula, 2016).

---

<sup>1</sup> Este artigo se relaciona ao projeto de extensão e pesquisa “Elaboração do Índice de Desenvolvimento Inclusivo para Cooperativas Solidárias - IDICS”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG com número CAAE 38716520.1.0000.5149.

Este artigo apresenta o processo de elaboração e os resultados do “Índice de Desenvolvimento Inclusivo para Cooperativas Solidárias” (IDICS), com o objetivo de mensurar a capacidade de inclusão de mulheres e jovens nas 30 cooperativas de agricultura familiar filiadas à União das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária de Minas Gerais – Unicafes MG. O processo de elaboração do Índice se deu a partir de um projeto de extensão realizado pelo Colmeia – grupo de estudos, pesquisa e extensão em economia popular e solidária da Face/UFMG, em colaboração com a Unicafes MG e a Trias Brazil<sup>2</sup>.

O artigo é dividido em quatro seções, além desta introdução. A primeira seção traz uma revisão de literatura sobre juventude e gênero na economia solidária e na agricultura familiar. A segunda seção traz a metodologia adotada para a elaboração do Índice, que passou pela realização de grupos focais junto a integrantes das cooperativas e a dirigentes da Unicafes MG e por definições metodológicas ligadas à construção do Índice. A terceira seção traz a proposta do Índice, enquanto a seção seguinte apresenta os resultados. A seção final traz uma discussão sobre a adequação do IDICS aos objetivos da pesquisa e seus limites.

## **1 Revisão de literatura**

Mesmo que a maior parte da população mundial seja composta por mulheres, e que a maior parte da força de trabalho ativa no país hoje seja feminina (Simon e Boeira, 2017), ainda podemos observar a influência da discriminação de gênero nos processos e nas atividades de trabalho. As mulheres não apenas ocupam menos cargos de liderança em relação aos homens, como também recebem salários menores para a realização das mesmas funções (*ibid*). A entrada das mulheres no mercado de trabalho, mesmo com níveis de escolaridade em média superiores aos dos homens, não se traduziu em uma remuneração justa e na plena garantia dos direitos trabalhistas. Além disso, a predominância de uma visão de que as atividades femininas são restritas ao ambiente doméstico faz com que, mesmo diante de um cenário de ocupação dos espaços públicos e exteriores ao lar, as mulheres ainda permaneçam como supostamente “responsáveis” pelas atividades domésticas, o que implica em uma dupla jornada de exploração do trabalho e um período de trabalho quase ininterrupto.

---

<sup>2</sup> A Trias é uma Organização Não Governamental com sede em Bruxelas, que desenvolve ações de desenvolvimento local, agricultura familiar e cooperativismo solidário.

A organização em cooperativas, baseadas nos princípios de solidariedade, equidade e emancipação social, representam a possibilidade de criar ambientes de trabalho e de coletivização da produção que reconheçam as demandas femininas. Nas cooperativas de economia solidária, em diversos casos, as mulheres encontram a possibilidade de conciliar família e trabalho, de encontrar maior acesso a crédito, alternativas de geração de renda e de participação em processos de capacitação profissional e técnica (Simon e Boeira, 2017; Guérin, 2005). Para além da geração de renda monetária e a segurança alimentar da família, as atividades permitem o desenvolvimento de um sentido político de identidade e fortalecem a luta das mulheres por reconhecimento.

No entanto, a transição para um cenário mais inclusivo em termos de gênero no interior dessas cooperativas e associações é mais longo do que os princípios parecem supor. Como mostram Anjos *et al.* (2018), a partir de dados do Segundo Mapeamento da Economia Solidária no Brasil (2010-2013), realizado pela hoje extinta Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), é possível visualizar uma série de gargalos que persistem nesses empreendimentos, que se ligam às típicas opressões de gênero sofridas pelas mulheres no mercado de trabalho. Apesar das cooperativas serem a principal fonte de renda para as mulheres e suas famílias, poucas apresentam infraestrutura voltada para especificidades dos problemas enfrentados pelas sócias. Como mostrou o mapeamento, apenas 4% dos empreendimentos apresentam condições de acolher os filhos das sócias durante o período de trabalho, o que deixa quase 20% das associadas dependentes de redes informais de acolhimento (vizinhos, amigos e parentes) e quase 18% dependentes das escolas e das creches. Além disso, apenas 7% dos maridos e companheiros atuam em atividades domésticas e de cuidado (Gaiger e Grupo ECOSOL, 2014 *apud* Simon e Boeira, 2017).

Dentre as cooperativas de produção e comercialização, por exemplo, ainda predomina a remuneração ou retirada vinculada à produtividade (59,1%). Essa forma de remuneração, além de produzir um ambiente de trabalho mais suscetível à emergência de hierarquias internas ao empreendimento, pode se tornar um fator agravante no que diz respeito às mulheres. A ocorrência frequente de jornada dupla, associada aos trabalhos de cuidado (com filhos, idosos e enfermos), distorce a mensuração da produtividade feminina e potencialmente as penaliza por não poderem se dedicar integralmente. Apesar de apenas 21,1% dessas cooperativas operarem com a retirada igualitária, a própria existência de um mecanismo outro para as retiradas, que não o baseado na produtividade, aponta para uma

possível mudança positiva em termos de inclusão e emancipação socioeconômica feminina (Anjos *et al.*, 2018).

Outro exemplo importante diz respeito à garantia dos direitos trabalhistas - equipamentos de segurança, licença maternidade, qualificação profissional, descanso remunerado e seguridade social. Dentro do grupo das cooperativas de produção e comercialização, só 17,4% asseguram a qualificação profissional e 11,8% dispõem de licença maternidade. Nas cooperativas de serviços o cenário não é diferente: apenas 50% garantem a seguridade social, com apenas 19,4% apresentando possibilidade de descanso remunerado e licença maternidade (*ibid.*).

Mesmo diante desses gargalos, os espaços constituídos a partir dessas experiências e atividades produtivas cumprem um papel crucial para a criação das subjetividades e identidades das sócias. Para muitas mulheres, a possibilidade de “passar a dispor de recursos sob seu controle pessoal amplia seu poder de decisão sobre o uso, fazendo opções diferentes daquelas que o marido adota quando tem o controle sobre os recursos da família” (Sales, 2009, p. 281). Além disso, a perspectiva de trabalho baseada nas noções de cooperação, de autogestão e de solidariedade possibilita uma participação efetiva das mulheres nos processos decisórios e nos espaços públicos (Simon e Boeira, 2017).

No que diz respeito à problemática da inclusão na juventude, vemos que os jovens constituem um grupo social extremamente heterogêneo. Os vários indivíduos que compõem esse grupo são expostos a diferentes experiências e valores, o que resulta em uma diversidade de racionalidades, aspirações e desejos. Apesar de guardarem vivências comuns, a realização de recortes é essencial para que se compreenda as várias juventudes (Acre e Mateo, 2018). Para o recorte aqui abordado, o das juventudes no cooperativismo, não se tem uma literatura consolidada, quando comparado a temas como o da juventude rural.

A dinâmica socioeconômica do campo, dizem Pereira e Marcochia (2019), é marcada por uma dupla subalternização de jovens e mulheres. Essa condição se inicia no ambiente familiar, com a repressão patriarcal e a centralidade do modelo de gestão na figura do pai, geralmente reticente a aceitar inovações, propostas pelos filhos, nos processos gerenciais (Castro, 2009; Boessio e Doula, 2016). Soma-se a isso o fato de a figura paterna ser geralmente a responsável pela administração dos recursos financeiros da unidade familiar de produção. A condição de submissão representada pelo controle dos parentes sobre a

propriedade, agrava-se com a dinâmica de sucessão, fenômeno que historicamente tem moldado diversos aspectos da vida rural.

As estratégias de sucessão tendem a priorizar a continuidade de homens jovens, resultando no êxodo das mulheres jovens para cidades médias e grandes ou na migração para outras comunidades e constituição de novas famílias em outras comunidades rurais. Aliado a isso, a extrema carência de recursos materiais e de serviços públicos, contribui para um processo de migração que visa o espaço urbano e contribui para a quebra dos laços comunitários, familiares e culturais ligados ao território deixado (VALADARES *et al.*, 2017). A migração acaba por engendrar um processo de envelhecimento e de masculinização do campo, além de contribuir para a queda no dinamismo do tecido social rural.

Outras demandas que recorrentemente aparecem na literatura sobre juventude e cooperativa dizem respeito à educação e a incorporação das inovações tecnológicas nos processos produtivos (Barrios *et al.*, 2019). A garantia do acesso à educação e a capacitação técnica se mostraram um dos meios mais eficazes de manutenção do interesse dos jovens, o que aponta para o caráter essencial das parcerias estabelecidas pelas cooperativas com instituições de ensino e de apoio à educação (Boessio e Doula, 2016).

A participação de jovens, além de se dar no âmbito da produção e comercialização, também deve ocorrer nos espaços deliberativos da cooperativa, o que é particularmente importante para a inserção desse grupo no repertório simbólico da instituição. São nesses âmbitos que se consolidam os valores particulares da cooperativa e os princípios do cooperativismo. A decorrência de situações em que o direito à participação é concentrado nas mãos de alguns poucos atores, pode-se incorrer em uma assimetria de poder que afeta negativamente não só as relações dentro da cooperativa, enfraquecendo seus pressupostos democráticos, como também as relações da cooperativa com os mercados, dependendo de qual for sua natureza (Tamayo e Valencia, 2018).

Ainda de acordo com Tamayo e Valencia (2018), é preciso realizar um processo de gestão das heterogeneidades, sem que se construam hierarquias rígidas que possam simular a organização de mercados ou empresas capitalistas. Sendo assim, a importância de uma proximidade extra econômica entre esses atores se torna um ponto central, permitindo que se construa pontes entre a vida pessoal dos jovens e o cotidiano da cooperativa. Isso reforça a necessidade de parcerias com iniciativas públicas e políticas preocupadas com a juventude, como é o caso da DAP Jovem e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Face às condições estruturais adversas enfrentadas por esses grupos no mercado de trabalho formal, o cooperativismo surge como alternativa viável ao propor uma forma de organização capaz de prover melhores condições materiais, sociais e econômicas para as famílias agricultoras, ao mesmo tempo em que permite um fortalecimento do tecido social, das relações interpessoais e dos processos de construção de identidade e dos laços comunitários.

## **2 Metodologia**

### **2.1 Grupos focais**

Após a revisão de literatura, foram realizados grupos focais junto a participantes das cooperativas e dirigentes da Unicafe Minas Gerais. Entre 15 de outubro e 4 de novembro de 2020, foram realizados 3 grupos focais: i) com mulheres cooperadas e dirigentes de cooperativas; ii) com jovens cooperados e dirigentes de cooperativas; iii) com dirigentes da Unicafe MG. Os grupos tiveram como objetivo identificar as principais dimensões da inclusão de mulheres e jovens nas cooperativas filiadas à Unicafe MG, na perspectiva dos participantes.

Para cada grupo focal, foram selecionados de 6 a 8 participantes. A seleção foi realizada em conjunto com a Unicafe MG e buscou atender à diversidade das regiões do estado, de gênero e de faixa etária. Os grupos focais foram realizados em outubro e novembro de 2020, por meio da plataforma Google Meet. A elaboração dos roteiros, a seleção dos participantes e a condução dos grupos focais ocorreram em parceria com a Unicafe MG e o Trias, e em consonância com as diretrizes da bibliografia especializada em métodos qualitativos (Bardin, 1977; Flick, 2009; Weller, 2010; Almeida, 2016). Os dados obtidos a partir do grupo focal foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, a fim de capturar padrões e categorias de respostas, de modo a subsidiar a construção do IDICS.

### **2.2 Elaboração do IDICS**

A revisão de literatura e a realização dos grupos focais permitiram identificar as principais dimensões da inclusão de mulheres e jovens nas cooperativas em questão. Essas dimensões foram então associadas a variáveis de caráter quali e quantitativo. Foi proposto, em seguida, um critério de agregação simples das variáveis em um Índice de Desenvolvimento Inclusivo das Cooperativas Solidárias – IDICS.

A proposta de construção do IDICS teve como base metodológica a literatura específica de elaboração de indicadores sociais (Carley, 1985; Kayano e Caldas, 2001; Jannuzzi, 2014, 2017) e buscou atender às seguintes propriedades: i) *relevância*: o IDICS deve contribuir para que a Unicafes MG e suas filiadas orientem, monitorem e avaliem suas ações de inclusão de jovens e mulheres; ii) *validade*: proximidade do conceito abstrato ou da demanda política que lhe deu origem (inclusão de jovens e mulheres); iii) *confiabilidade*: qualidade da coleta, sistematização e padronização dos dados; iv) *boa cobertura territorial e populacional*: captação de informações sobre a realidade do máximo de pessoas possível; v) *sensibilidade e especificidade*: capacidade de apresentar variação relevante diante de mudanças na realidade estudada; vi) *transparência metodológica e comunicabilidade*: as pessoas que não participaram da elaboração do índice devem compreender seus métodos e objetivos.

Ainda partindo de Kayano e Caldas (2001) e Jannuzzi (2014), e segundo as etapas anteriores, optou-se por um índice que fosse: a) objetivo: referindo-se a ocorrências concretas ou a entes empíricos da realidade social, construídos a partir das estatísticas; b) misto: uma composição de indicadores de insumo, indicadores de processo, indicadores de resultado e indicadores de impacto (JANUZZI, 2005); c) analítico e composto: contempla mais de uma medida sobre a realidade estudada e agregando, em um único número, vários indicadores simples, estabelecendo algum tipo de média entre eles.

Para a construção do IDICS, propomos dois subíndices:

- I) *Índice de inclusão de mulheres (IIM)*
- II) *Índice de inclusão de jovens (IIJ)*

Cada um dos subíndices é composto por dimensões, as quais, por sua vez, são formadas por variáveis. Os valores obtidos para essas variáveis são agregados através de uma média simples (soma dos valores dividida pelo número de variáveis). Em seguida, os valores referentes às dimensões são agregados através de uma média ponderada, considerando os pesos dados para as dimensões (somatório das multiplicações entre valores e pesos dividido pelo somatório dos pesos).

O valor de cada subíndice varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo de 0, menor o grau de inclusão da cooperativa com relação às mulheres e aos jovens. Quanto mais próximo de 1, maior o grau de inclusão. O IDICS corresponde à média simples entre os Subíndices e

também irá variar entre 0 e 1, segundo o grau de inclusão da cooperativa com relação às mulheres e aos jovens:

$$\text{IDICS} = (\text{IIM} + \text{IJJ})/2$$

O Anexo I descreve o Índice de Inclusão de Mulheres (IIM) e o Índice de Inclusão de Jovens (IJJ), ambos compostos por 3 dimensões e 18 variáveis. As dimensões, suas respectivas variáveis e o critério de agregação foram apresentados e validados junto ao Conselho Diretor da Unicafes MG e à equipe Trias.

A primeira dimensão diz respeito à “Participação e organização de mulheres/da juventude na cooperativa”. Essa dimensão é considerada a mais relevante, por estar relacionada a variáveis de resultado relacionadas à inclusão nas cooperativas. Por esse motivo, foi atribuída a essa dimensão um peso igual a 2. A segunda dimensão refere-se à “Autonomia das mulheres/da juventude cooperada(s)”. Essa dimensão, embora fundamental, engloba variáveis individuais das mulheres e jovens cooperados, não necessariamente sob o controle da cooperativa. Por isso, foi atribuída a essa dimensão um peso igual a 1. Já a terceira dimensão denomina-se “Incentivos pela cooperativa, formação e parcerias para mulheres/para a juventude”. Essa dimensão relaciona-se a ações no nível da cooperativa no sentido da formação e da inclusão. Foi atribuída a essa dimensão um peso igual a 1,5.

### **3 Resultados**

#### **3.1 IDICS - versão completa**

Do total de cooperativas que responderam ao questionário (22), 12 responderam a todas as questões propostas. As demais não possuíam informações organizadas sobre pelo menos uma das variáveis, o que aponta para a necessidade de maior planejamento das cooperativas para a efetiva adesão ao Índice, como será tratado adiante. Desse modo, serão apresentados, inicialmente, os resultados referentes às dimensões, aos subíndices e ao IDICS para essas 12 cooperativas (Tabela 1).

Como se pode observar na Tabela 1, a dimensão que apresentou maior valor médio foi “Autonomia das mulheres cooperadas”. Essa dimensão também apresentou os maiores valores de mínimo e máximo (sendo a única para a qual se observou valor “1” para alguma das cooperativas). Em seguida, destaca-se a dimensão “Autonomia da juventude cooperada”, com a segunda maior média e o segundo maior valor máximo. Como mencionado na seção

anterior, essas dimensões são compostas por variáveis individuais das mulheres e jovens cooperados, sobre as quais as cooperativas possuem baixo controle.

Tabela 1 - Estatísticas descritivas das dimensões, subíndices e IDICS para 12 das cooperativas consultadas

Dimensão	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Observações
Participação e organização de mulheres na cooperativa	0,371	0,175	0,196	0,753	12
Autonomia das mulheres cooperadas	0,627	0,221	0,280	1,000	12
Incentivos pela cooperativa, formação e parcerias para mulheres	0,135	0,229	0,000	0,625	12
Participação e organização da juventude na cooperativa	0,273	0,119	0,050	0,454	12
Autonomia da juventude cooperada	0,491	0,331	0,000	0,917	12
Incentivos pela cooperativa, formação e parcerias para juventude	0,177	0,241	0,000	0,875	12
Índice de Inclusão de Mulheres (IIM)	0,349	0,126	0,176	0,595	12
Índice de Inclusão de Jovens (IIJ)	0,289	0,115	0,022	0,417	12
Índice de Des. Inclusivo para Cooperativas Solidárias (IDICS)	0,319	0,096	0,134	0,423	12

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados junto às cooperativas.

Os valores mais baixos estão relacionados às ações efetivas das cooperativas para a inclusão (Dimensões “Incentivos, formação e parcerias”), tanto para jovens quanto para mulheres. Esse resultado indica a necessidade de maior investimento dessas instituições em atividades envolvendo parcerias, intercâmbios e formações, além de adaptação do planejamento e adequação do espaço da cooperativa e da equipe de funcionários.

As dimensões relacionadas à participação e organização de mulheres e jovens apresentaram valores médios intermediários. Note-se, neste caso, os menores valores de desvio padrão, indicando que as realidades das cooperativas são mais parecidas, no que se refere a essa dimensão.

Quanto aos subíndices, observa-se que os valores mais elevados se referem à inclusão de mulheres (IIM), enquanto o IIJ apresenta menores valores mínimo e máximo e também menores média e desvio padrão. Esse resultado se relaciona às melhores condições das mulheres cooperadas, em média, especialmente quanto à participação, organização e

autonomia. Deve-se notar, no entanto, que os resultados para mulheres e para jovens não apresentam diferenças muito marcantes, o que sugere a necessidade de maior investimento das cooperativas em ações para ambos os grupos.

Os valores do IDICS apresentaram média de 0,319, indicando grau de inclusão intermediário, quando se consideram tanto jovens quanto mulheres. Chama atenção o baixo valor do desvio padrão, o que sugere que, quando consideradas todas as dimensões dos dois subíndices, as realidades das cooperativas são bastante semelhantes. Isso também fica evidente quando observamos os valores mínimo e máximo do Índice (0,134 e 0,423, respectivamente).

Tabela 2 - Valores médios dos subíndices e IDICS, segundo características de 12 das cooperativas consultadas

<b>Característica das cooperativas</b>	<b>Índice de Inclusão de Mulheres (IIM)</b>	<b>Índice de Inclusão de Jovens (IJJ)</b>	<b>IDICS</b>	<b>Observações</b>
<i>Volume comercializado em 2020 (ton,)</i>				
2 a 5	0,546	0,397	0,472	2
6 a 10	0,393	0,378	0,386	3
Acima de 10	0,291	0,227	0,259	6
<i>Região</i>				
Jequitinhonha	0,194	0,277	0,236	1
Metropolitana	0,370	0,157	0,264	1
Noroeste de Minas	0,303	0,220	0,261	2
Norte de Minas	0,221	0,245	0,233	1
Sul/Sudoeste de Minas	-	-	-	0
Triângulo Mineiro	0,375	0,385	0,380	1
Vale do Mucuri	-	-	-	0
Zona da Mata	0,404	0,328	0,366	6
<i>Ano de fundação</i>				
Até 2005	0,233	0,134	0,183	2
2006 a 2010	0,353	0,387	0,370	3
Após 2011	0,381	0,292	0,337	7
<i>Número de cooperados</i>				

Até 50	0,364	0,281	0,322	7
51 a 150	0,329	0,302	0,315	5
151 ou mais	-	-	-	0

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados junto às cooperativas.

A Tabela 2 apresenta os resultados médios para os subíndices e para o IDICS, segundo as características das cooperativas. De modo geral, são observados maiores valores médios (indicando maior grau de desenvolvimento inclusivo) em cooperativas de menor porte (menor volume comercializado menor número de cooperados) e de fundação mais recente (após 2006). Destacam-se ainda as cooperativas localizadas na Zona da Mata e Triângulo Mineiro.

#### 4.2 IDICS - versão reduzida

Tendo em vista as dificuldades de boa parte das cooperativas em reportarem todas as informações necessárias para o cálculo do IDICS, propomos uma segunda versão do IDICS, que denominaremos “versão reduzida”. Essa versão é composta pelas variáveis respondidas por todas as 22 cooperativas, que correspondem aos itens M1, M3, M4, M6, M11 a M18, e J1, J3, J4, J6, J11 a J18 do quadro apresentado no Anexo I. Note-se que, na versão reduzida, cada subíndice é formado por 2 dimensões, totalizando 12 variáveis em cada subíndice. Para fins de simplificação, foi atribuído peso 1 a cada uma das dimensões. Apresentamos a seguir, os resultados referentes às dimensões, aos subíndices e ao IDICS, em sua versão reduzida, para as 22 cooperativas (Tabela 3).

De acordo com a Tabela 3, a dimensão que apresentou maior valor médio (bastante superior às médias das demais dimensões) foi “Participação e organização de mulheres na cooperativa”. Essa dimensão também apresentou os maiores valores mínimo e máximo. Em seguida, destacam-se as dimensões atreladas ao IJJ. A dimensão “Incentivos pela cooperativa, formação e parcerias para mulheres” foi a que apresentou menor média, remetendo à necessidade de maior investimento das instituições em discussões internas, intercâmbios e parcerias e intercâmbios, entre outras ações.

Tabela 3 - Estatísticas descritivas das dimensões, subíndices e IDICS (versão reduzida)  
para as 22 cooperativas

Dimensão	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Observações
Participação e organização de mulheres na cooperativa	0,415	0,191	0,143	0,880	22
Incentivos pela cooperativa, formação e parcerias para mulheres	0,153	0,244	0,000	0,875	22
Participação e organização da juventude na cooperativa	0,210	0,166	0,000	0,576	22
Incentivos pela cooperativa, formação e parcerias para juventude	0,233	0,262	0,000	0,875	22
Índice de Inclusão de Mulheres (IIM)	0,284	0,183	0,071	0,740	22
Índice de Inclusão de Jovens (IJ)	0,222	0,192	0,000	0,663	22
Índice de Des. Inclusivo para Cooperativas Solidárias (IDICS)	0,253	0,173	0,049	0,702	22

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados junto às cooperativas.

Quanto aos subíndices, observa-se que os valores mais elevados se referem à inclusão de mulheres (IIM), enquanto o IJ apresenta menores valores mínimo e máximo. Esse resultado se relaciona às melhores condições das mulheres cooperadas, reportado na primeira dimensão do IIM. Deve-se notar, no entanto, que os valores médios dos subíndices para mulheres e para jovens, além de baixos, são bastante próximos, o que sugere a necessidade de maior investimento das cooperativas em ações para ambos os grupos. Observa-se, ainda, a proximidade dos desvios padrão e dos valores mínimo e máximo para os dois subíndices, sugerindo realidades parecidas quanto à inclusão de jovens e de mulheres. Esses valores também são próximos daqueles encontrados para o IDICS, que apresentou média de 0,253, indicando grau de inclusão médio baixo para intermediário.

A Tabela 4 apresenta os resultados médios para os subíndices e para o IDICS, segundo as características das cooperativas. De modo geral, são observados maiores valores médios em cooperativas de porte intermediário (2 a 5 toneladas comercializadas em 2020) e com maior número de cooperados (mais de 150). Destacam-se ainda as cooperativas fundadas antes de 2005 e aquelas localizadas no Sul/Sudoeste de Minas, Norte de Minas, Zona da Mata e Vale do Mucuri.

Tabela 4 - Valores médios dos subíndices e IDICS, segundo características das 22 cooperativas

Característica das cooperativas	Índice de Inclusão de Mulheres (IIM)	Índice de Inclusão de Jovens (IJ)	IDICS	Observações
<i>Volume comercializado em 2020 (ton,)</i>				
Até 1	0,404	0,313	0,358	1
2 a 5	0,593	0,439	0,516	2
6 a 10	0,231	0,168	0,199	5
Acima de 10	0,272	0,230	0,251	11
<i>Região</i>				
Jequitinhonha	0,129	0,179	0,154	1
Metropolitana	0,146	0,125	0,135	1
Noroeste de Minas	0,209	0,136	0,173	3
Norte de Minas	0,283	0,262	0,272	5
Sul/Sudoeste de Minas	0,740	0,663	0,702	1
Triângulo Mineiro	0,133	0,236	0,184	1
Vale do Mucuri	0,324	0,002	0,163	1
Zona da Mata	0,304	0,217	0,261	9
<i>Ano de fundação</i>				
Até 2005	0,380	0,291	0,335	5
2006 a 2010	0,305	0,205	0,255	7
Após 2011	0,222	0,199	0,210	10
<i>Número de cooperados</i>				
Até 50	0,226	0,164	0,195	9
51 a 150	0,271	0,175	0,223	9
151 ou mais	0,444	0,456	0,450	4

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados junto às cooperativas.

### Considerações finais

Este artigo buscou apresentar o processo de elaboração do Índice de Desenvolvimento Inclusivo para Cooperativas Solidárias (IDICS), com o objetivo de mensurar as práticas de

inclusão de mulheres e jovens nas 30 cooperativas de agricultura familiar filiadas à Unicafes MG. O processo de construção do Índice passou por análise documental, revisão de literatura e realização de grupos focais junto a integrantes das cooperativas e dirigentes da Unicafes MG. Essas etapas permitiram identificar três dimensões da inclusão de mulheres e jovens nas cooperativas em questão: i) participação e organização; ii) autonomia; iii) incentivos pela cooperativa, formação e parcerias. Tais dimensões foram então associadas a variáveis numéricas. Foi proposto, em seguida, um critério de agregação simples das variáveis em dois subíndices: o Índice de Inclusão de Mulheres (IIM) e o Índice de Inclusão de Jovens (IJ). O IDICS corresponde à média simples desses dois indicadores.

Mais do que apenas um número ou um indicador, o Índice pode ser visto como uma construção coletiva, expressando em cada dimensão e em cada variável uma demanda ativa por parte dos representantes e dos cooperados da Unicafes MG sobre temas relacionados à inclusão. A ferramenta IDICS representa a possibilidade de um acompanhamento periódico, por parte das cooperativas e da Unicafes MG, de seu progresso no que tange à inclusão de jovens e mulheres. Para isso, é necessário que os dados sejam atualizados periodicamente pelas cooperativas, visto que a construção de uma série histórica para o Índice, com periodicidade definida, poderá contribuir para um melhor monitoramento do desenvolvimento inclusivo das cooperativas. Para tanto, as cooperativas deverão contar com um plano de coleta dos dados, por exemplo, estabelecendo um cronograma próprio, que atenda às especificidades da instituição, e incluindo a coleta dos dados como pauta das assembleias e reuniões.

Algumas ferramentas podem contribuir para a adesão efetiva ao IDICS pelas cooperativas e pela Unicafes MG, bem como para a introdução e consolidação das discussões e dos debates levantados ao longo da elaboração do Índice no cotidiano dos processos de gestão das cooperativas. Destacamos, dentre essas ferramentas, um possível material de *divulgação do IDICS*, destinado a sua divulgação junto a cooperativas e cooperados, buscando dar maior visibilidade para o Índice.

Outra ferramenta possível é uma planilha de cálculo, que poderá ser utilizada pelas cooperativas para seu próprio diagnóstico e planejamento de ações. Para que a alimentação da planilha seja incorporada às ações da cooperativa, é importante que seja definido(a) um(a) responsável pela coleta e organização das informações que compõem as dimensões do Índice. O(a) responsável escolhido deverá, de preferência, constar no quadro de dirigentes

da cooperativa e ter conhecimento sobre o tema da inclusão de jovens e mulheres, além de amplo acesso ao conjunto das informações requisitadas.

Como possíveis desdobramentos de ação pós-pandemia, sugerimos a realização de intercâmbios de experiências entre as cooperativas, com foco naquelas que se destacam pelas atividades de inclusão. Além disso, a realização de cursos, palestras e formações sobre esses temas é de extrema importância para a continuidade dos debates em torno da inclusão e para a conscientização de cooperados e dirigentes sobre a importância da coleta dos dados e de sua incorporação às atividades de planejamento.

## Referências

ALMEIDA, R. Roteiro para o emprego de grupos focais. In: SESC SÃO PAULO/CEBRAP (Eds.). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*, 1. ed., p. 42–59. Sesc São Paulo/CEBRAP: São Paulo, 2016.

ANJOS, E. G. dos; SILVA, F. de L.; PEREIRA, E. M. Um olhar sobre o trabalho em cooperativas da economia solidária e a intersecção com as questões de gênero e raça. *Revista de Extensão e Estudos Rurais*, v. 7, n. 1, 94-117, 2018.

ARCE, A de.; MATEO, G. Juventudes, arraigo y pervivencia del cooperativismo agrario Agricultores Federados Argentinos, 1998-2016. *Pilquen*, v. 21, n. 5, 2018.

BARRIOS, C. L.; LOMELÍ, C. Z.; VILLAR, S. C.; FERNÁNDEZ, L. P. Campesinos a contracorriente. Estrategias organizativas, productivas y comerciales de la cooperativa indígena campesina Maya Vinic. *Región y sociedad*, año 31, 2019. BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOESSIO, A. T.; DOULA, S. M. Jovens rurais e influências institucionais para a permanência no campo: um estudo de caso em uma cooperativa agropecuária do Triângulo Mineiro. *Interações*, v. 17, n. 3, p. 370-383, 2016.

BREITENBACH, R; CORAZZA, G; Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales Niñez y Juventud*, 2019.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales Niñez y Juventud*, 2019.

CAMARANO, A. A. *et al.* Êxodo Rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos. Texto para Discussão n. 621, IPEA, 1999.

CARLEY, M. *Indicadores sociais: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DE ACRE, A; MATEO, G. Juventudes, arraigo y pervivencia del cooperativismo agrario Agricultores Federados Argentinos, 1998-2016. Argentina: Universidad Nacional de Quilmes, 2018.

FLICK, U. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX. *Política Nacional de Extensão Universitária*. FORPROEX, 2012.

GAIGER, L. I. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 82, p. 211-228, 2013.

JANNUZZI, P. M. Indicadores para diagnóstico, monitoramento e avaliação de programas sociais no Brasil. *Revista do Serviço Público*, v. 56, n. 2, p. 137-160, 2014. <https://doi.org/10.21874/rsp.v56i2.222>

JANNUZZI, P. M. *Indicadores Sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações*. 6. ed. Campinas: Alínea, 2017.

KAYANO, J.; CALDAS, E. L. *Indicadores para o diálogo*. São Paulo: Pólis / Programa Gestão Pública e Cidadania. EAESP/FGV, 2001.

KISCHENER, M.; KIYOTA, N.; PERONDI, M. Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais. *Mundo Agrário*, v. 16, n. 33, 2015.

LIMA, J. C. O trabalho autogestionário em cooperativas de produção: o paradigma revisitado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 56, p. 45-62, 2004.

LÓPEZ BARRIOS, C. *et al.* Campesinos a contracorriente. Estratégias organizativas, productivas y comerciales de la cooperativa indígena campesina Maya Vinic. *Región y Sociedad*, v. 31, n. 1079, 2019. DOI: 10.22198/rys2019/31/1079

MAGALHÃES, R. S. A “masculinização” da produção de leite. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 47(1), 275-299, 2009.

MENDONÇA, K. F. B. *et al.* Formação, sucessão e migração: trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 30, n. 2, p. 445-463, 2013.

NAMORADO, R. Cooperativismo - história e horizontes. In: GEDIEL, J. A. P. (Org.). *Estudos de Direito Cooperativo e Cidadania*. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR, 2007.

NAMORADO, R. Cooperativismo. In: CATTANI, A. D. *et al.* (Orgs.). *Dicionário internacional da Outra Economia*. Coimbra: Almedina/CES, 2009.

NÚÑEZ, R. B. C.; BANDEIRA, P.; SANTERO-SÁNCHEZ, R. Social Economy, Gender Equality at Work and the 2030 Agenda: Theory and Evidence from Spain. *Sustainability*, v. 12, n. 5192, 2020.

PEREIRA, M; MARCOCCIA, P. Subalternização no trabalho e na educação de jovens da agricultura familiar no Primeiro e Segundo Planalto do município da Lapa/Paraná: possibilidades de superação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, e240022, 2019.

SCHNEIDER, J. O. Cooperativismo e desenvolvimento sustentável. *Otra Economía*, v. 9, n. 16, p. 94-104, 2015.

SIMON, V, P; BOEIRA, S. L. Economia social e solidária e empoderamento feminino. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 53, n. 3, p. 532-542, 2017.

SINGER, P. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOARES, Kelly. A inserção de jovens rurais na economia solidária sob a perspectiva do desenvolvimento local. Recife: UFRPE 2011.

TAMAYO, P. A.; MOLINA, N. Acción colectiva y asociación de heterogeneidades en mercados agroecológicos campesinos: Asoproorgánicos (Cali, Colombia), *Rev. Colomb. Soc.*, 41(2),83-101, 2018.

VALADARES, A. A. *et al. A juventude rural no III Festival da Juventude da Contag: relatório de pesquisa.* IPEA: Rio de Janeiro, 2017.

WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. *O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

## Anexo I - Descrição dos subíndices componentes do IDICS - versão completa

Quadro I.1 – Descrição do Índice de Inclusão de Mulheres (IIM) – dimensões e variáveis

<b>DIMENSÃO: PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NA COOPERATIVA (peso = 2)</b>		
<b>Variável</b>	<b>Forma de cálculo</b>	<b>Natureza da variável</b>
M1. Participação feminina na cooperativa (cooperadas)	Número de mulheres cooperadas / Número total de cooperados	Proporção (varia entre 0 e 1)
M2. Participação feminina na cooperativa (funcionárias)	Número de mulheres funcionárias na cooperativa / Número total de funcionários na cooperativa	Proporção (varia entre 0 e 1)
M3. Participação de mulheres em cargos de direção	Número de mulheres em cargos de direção na cooperativa / Número total de pessoas em cargos de direção na cooperativa	Proporção (varia entre 0 e 1)
M4. Participação de mulheres na comercialização	Número de mulheres cooperadas que comercializaram nos últimos 2 anos / Número total de mulheres cooperadas	Proporção (varia entre 0 e 1)
M5. Participação feminina nas assembleias	Número de mulheres que compareceram à última assembleia da cooperativa / Número total de mulheres cooperadas	Proporção (varia entre 0 e 1)
M6. Existência de grupo ou coletivo de mulheres	Existência de grupo ou coletivo de trabalho formado por mulheres na cooperativa	Binária (Sim = 1; Não = 0)
<b>DIMENSÃO: AUTONOMIA DAS MULHERES COOPERADAS (peso = 1)</b>		
<b>Variável</b>	<b>Forma de cálculo</b>	<b>Natureza da variável</b>
M7. Escolaridade	Número de mulheres cooperadas com ensino médio completo, ensino superior completo ou ensino técnico / Número total de mulheres cooperadas	Proporção (varia entre 0 e 1)
M8. Renda	Participação comercial (rendimento) média das mulheres cooperadas / Participação comercial (rendimento) média total	Proporção (varia entre 0 e 1) (*)
M9. Autonomia relacionada à mobilidade	Número de mulheres cooperadas que possuem Carteira Nacional de Habilitação / Número total de mulheres cooperadas	Proporção (varia entre 0 e 1)

M10. Autonomia relacionada a crédito e participação em programas de assistência técnica/produtiva	Número de mulheres cooperadas cujos nomes constam na DAP / Número total de mulheres cooperadas	Proporção (varia entre 0 e 1)
<b>DIMENSÃO: INCENTIVOS PELA COOPERATIVA, FORMAÇÃO E PARCERIAS (peso = 1,5)</b>		
<b>Variável</b>	<b>Forma de cálculo</b>	<b>Natureza da variável</b>
M11. Existência de "quota" para mulheres (percentual ou número mínimo de mulheres cooperadas)	Existência de percentual ou número mínimo de participação de mulheres cooperadas	Binária (Sim = 1; Não = 0)
M12. Existência de espaço ou de atividades para crianças na cooperativa	A cooperativa conta com um espaço para crianças, destinado aos filhos ou a outras crianças sob cuidado das cooperadas, durante os encontros e eventos realizados pela cooperativa? Ou conta com alguma pessoa responsável pelo cuidado com essas crianças, durante os eventos?	Binária (Sim = 1; Não = 0)
M13. Existência de resolução ou plano relacionado à igualdade de gênero	Existência, no estatuto ou plano da cooperativa, de resolução voltada a promover, reforçar e monitorar a igualdade e a não-discriminação com base no sexo	Binária (Sim = 1; Não = 0)
M14. Formação interna sobre o tema gênero	Nos últimos 2 anos, houve alguma formação (curso, palestra...) sobre o tema de gênero, organizada pela própria cooperativa?	Binária (Sim = 1; Não = 0)
M15. Existência de setor ou funcionário dedicado a questões ligadas às mulheres	Existência de setor ou funcionário dedicado a questões ligadas às mulheres	Binária (Sim = 1; Não = 0)
M16. Parceria com instituições	Além da Unicafes MG, a cooperativa possui parceria com alguma instituição para o desenvolvimento de ações específicas para as mulheres?	Binária (Sim = 1; Não = 0)
M17. Intercâmbio com outras cooperativas e instituições	A cooperativa já promoveu algum intercâmbio com outras cooperativas ou outras instituições de sucesso na inclusão de mulheres (à exceção da Unicafes MG)?	Binária (Sim = 1; Não = 0)
M18. Existência de projeto de geração de renda voltado a mulheres	A cooperativa possui algum projeto de geração de trabalho e renda especificamente para as mulheres?	Binária (Sim = 1; Não = 0)

Fonte: Elaboração própria.

\* Para essa variável, há a possibilidade de valores maiores que 1. Nesses casos, o valor máximo da variável será definido em 1, para fins de simplificação.

#### Quadro I.2 – Descrição do Índice de Inclusão de Jovens (IIJ) – dimensões e variáveis

<b>DIMENSÃO: PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE JOVENS NA COOPERATIVA (peso = 2)</b>		
<b>Variável</b>	<b>Forma de cálculo</b>	<b>Natureza da variável</b>
J1. Participação de jovens na cooperativa (cooperados)	Número de jovens cooperados / Número total de cooperados	Proporção (varia entre 0 e 1)
J2. Participação de jovens na cooperativa (funcionárias)	Número de jovens funcionários na cooperativa / Número total de funcionários na cooperativa	Proporção (varia entre 0 e 1)
J3. Participação de jovens em cargos de direção	Número de jovens em cargos de direção na cooperativa / Número total de pessoas em cargos de direção na cooperativa	Proporção (varia entre 0 e 1)

J4. Participação de jovens na comercialização	Número de jovens cooperados que comercializaram nos últimos 2 anos / Número total de jovens cooperados	Proporção (varia entre 0 e 1)
J5. Participação de jovens nas assembleias	Número de jovens que compareceram à última assembleia da cooperativa / Número total de jovens cooperados	Proporção (varia entre 0 e 1)
J6. Existência de grupo ou coletivo de jovens	Existência de grupo ou coletivo de trabalho formado por jovens na cooperativa	Binária (Sim = 1; Não = 0)
<b>DIMENSÃO: AUTONOMIA DA JUVENTUDE COOPERADA (peso = 1)</b>		
<b>Variável</b>	<b>Forma de cálculo</b>	<b>Natureza da variável</b>
J7. Escolaridade	Número de jovens cooperados com ensino médio completo, ensino superior completo ou ensino técnico / Número total de jovens cooperados	Proporção (varia entre 0 e 1)
J8. Renda	Participação comercial (rendimento) média das jovens cooperados / Participação comercial (rendimento) média total	Proporção (varia entre 0 e 1) (*)
J9. Autonomia relacionada à propriedade da terra	Número de jovens cooperados cujos nomes constam no título de propriedade da terra / Número total de jovens cooperados	Proporção (varia entre 0 e 1)
J10. Autonomia relacionada a crédito e participação em programas de assistência técnica/produção	Número de jovens cooperados cujos nomes constam na DAP (DAP Jovem) / Número total de jovens cooperados	Proporção (varia entre 0 e 1)
<b>DIMENSÃO: INCENTIVOS PELA COOPERATIVA, FORMAÇÃO E PARCERIAS (peso = 1,5)</b>		
<b>Variável</b>	<b>Forma de cálculo</b>	<b>Natureza da variável</b>
J11. Existência de "quota" para jovens (percentual ou número mínimo de jovens cooperados)	Existência de percentual ou número mínimo de participação de jovens cooperados	Binária (Sim = 1; Não = 0)
J12. Existência de resolução ou plano relacionado à juventude	Existência, no estatuto ou plano da cooperativa, de resolução voltada a promover, reforçar e monitorar a inclusão de jovens e o direito à educação dos jovens	Binária (Sim = 1 ; Não = 0)
J13. Formação interna sobre o tema juventude	Nos últimos 2 anos, houve alguma formação (curso, palestra...) sobre o tema da juventude, organizada pela própria cooperativa?	Binária (Sim = 1 ; Não = 0)
J14. Existência de setor ou funcionário dedicado a questões ligadas à juventude	Existência de setor ou funcionário dedicado a questões ligadas à juventude	Binária (Sim = 1 ; Não = 0)
J15. Parceria com instituições	Além da Unicafe MG, a cooperativa possui parceria com alguma instituição para o desenvolvimento de ações específicas para os jovens?	Binária (Sim = 1 ; Não = 0)
J16. Intercâmbio com outras cooperativas e instituições	A cooperativa já promoveu algum intercâmbio com outras cooperativas ou outras instituições de sucesso na inclusão de jovens (à exceção da Unicafe MG)?	Binária (Sim = 1 ; Não = 0)
J17. Existência de projeto relacionado à incorporação tecnológica ou inovação	Existem projetos de incorporação tecnológica ou inovação de produto ou de processo na cooperativa?	Binária (Sim = 1 ; Não = 0)
J18. Existência de projeto de geração de renda voltado a jovens	A cooperativa possui algum projeto de geração de trabalho e renda especificamente para os jovens?	Binária (Sim = 1 ; Não = 0)

Fonte: Elaboração própria.

\* Para essa variável, há a possibilidade de valores maiores que 1. Nesses casos, o valor máximo da variável será definido em 1, para fins de simplificação.